

# Semana Nacional de Atualização para Formadores

11 a 14 de julho 2017

## Aparecida do Norte/Brasil

Terça-feira, dia 11, das 8.30 às 10.00

✠ **Jorge Carlos Patrón Wong**

Arcebispo-bispo Emérito de Papantla

Secretário para os Seminários

**Temas:** Conceitos fundamentais da nova *Ratio Fundamentalis*; comunidade educativa; sujeito da formação; formadores do Seminário.

### Introdução

A nova *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis* (RFIS), documento publicado pela Santa Sé no dia 08 de dezembro de 2016, para a orientação e organização dos Seminários, também apresenta luzes e reflexos que podem ajudar aos sacerdotes e diáconos a aprofundarem a identidade e missão do ministro ordenado.

Como se trata de um texto rico de conteúdo e diversificado em suas propostas práticas, não será possível analisa-lo em sua totalidade nestas poucas horas em que estaremos juntos. Por isso, parece-me oportuno separar o nosso estudo em seções temáticas que coloquem em relevo aqueles argumentos que merecem uma maior atenção e um estudo posterior mais aprofundado.

### 1. Conceitos Fundamentais da Formação

A compreensão de percurso formativo apresentada pela nova RFIS segue em harmonia com as quatro dimensões da formação integral presente na *Pastores dabo vobis*, porém, não está restrita a apenas uma parte da vida daquele sacerdote, mas abrange toda a sua história vocacional, ou seja, desde a sua descoberta vocacional até a sua formação permanente sacerdotal. São etapas de vida bem diferentes, com características, conteúdos e momentos históricos distintos, mas complementares no realizar-se de uma mesma história de vida.

Partindo desta percepção, é possível definir que o percurso formação de um sacerdote deve conter **quatro características** bem marcantes, ou seja, ele deve ser **único, integral, comunitário e missionário**.

O documento apresenta dois grandes tempos de formação: 1. **a formação inicial**, precedida pelos trabalhos de uma pastoral ou acompanhamento vocacional ou por um caminho feito no Seminário Menor, e que está dividida em quatro etapas – *propedêutico, estudos filosóficos ou discipular, estudos teológicos ou configurativa, pastoral ou de síntese*. 2. **a formação permanente** que abraça toda a progressão sucessiva de formação pessoal do sacerdote durante o exercício de seu ministério nos diversos ofícios eclesiais que lhes serão confiados ao longo de sua vida.

Recordo que o *discipulado* e a *configuração a Cristo*, na vida de um cristão vocacionado ao sacerdócio, se desenvolvem durante todo o seu percurso de vida.

Ao usarmos as denominações de *etapa discipular* e *etapa configurativa* temos por objetivo relevar a grande importância dada a estas duas dinâmicas formativas dentro daquele tempo destinado à formação inicial, trazendo à tona a relevante compreensão de que o processo formativo visa trabalhar a pessoa como um todo e em sua unidade antropológica, superando o entendimento fracionado de uma formação que supervalorize, quase exclusivamente, a formação intelectual, ou pastoral, ou espiritual em detrimento aos outros temas e/ou de modo não integrativo. Mais do que uma simples leitura de multidisciplinariedade, trata-se de assistir e ajudar o indivíduo a realizar uma integração configurativa a um projeto de vida bem definido e claro para a Igreja: Jesus Cristo e o seu Evangelho (cf. Mc 8, 35; 10, 29).

### **1.1. Por uma formação ÚNICA: (RFIS, capítulo IV)**

A formação dos seminaristas é a continuação de um único caminho discipular que começou com o batismo e cresceu com a força dos demais sacramentos da Iniciação Cristã. O ingresso ao Seminário inaugura uma nova etapa na vida do jovem que busca responder ao chamado de Deus, desde o seu batismo até a total entrega de vida no seguimento de Jesus. Um único caminho marcado por diversos itinerários ao longo das várias etapas de sua vida.

#### *1.1.1. Na Formação Inicial*

##### **a. Propedêutico (RFIS, nn. 59-60)**

Pensando a partir deste parâmetro de unicidade, o propedêutico é o tempo para realizar uma preparação de caráter introdutório, com o objetivo de discernir a conveniência de continuar a formação sacerdotal ou de admitir um caminho de vida diferente, ao menos, neste momento atual. Com a RFIS esta etapa dentro do processo formativo ao Seminário Maior passa a ser obrigatória e é conveniente que seja vivida em uma comunidade distinta daquela do Seminário Maior; caso seja possível, em uma sede própria. Todas as mudanças decorrentes da decisão de submeter-se ao percurso seminarístico de acompanhamento proposto pela Igreja precisam ser assimiladas e confrontadas pelo futuro seminarista como uma nova passagem em sua vida para o começo de um novo momento de vida, que merece todo o seu acolhimento, interesse, entrega e compromisso pessoal.

**b. Estudos filosófico ou discipular (RFIS, nn. 61-70)**

Nestes anos o seminarista vai ser modelado, orientado e instruído por seus formadores na medida em que aprofunda o seu compromisso com o chamado feito pelo Senhor para estar com Ele e aprender Dele (cf. Mc 3, 14 e Mt 11, 29). Todas as descobertas, conhecimentos adquiridos, estudos, mudanças conquistadas e lutas interiores em andamento se orientam em uma mesma e única direção, aquela que o leva a estar em caminho atrás do Mestre (cf. Mt 16, 23).

**c. Estudos teológicos ou configurativa (RFIS, nn. 68-73)**

Nestes anos a formação se concentra em observar e motivar uma maior unicidade sobre a vida do seminarista em todos os aspectos do seu quotidiano (oração, estudos, vida comum e pastoral), intensificando a configuração ao Cristo Bom Pastor. Dando especial centralidade as virtudes sacerdotais (oração pessoal e Litúrgica, vivência regular dos Sacramentos, atos de piedade e viva castidade celibatária) como colunas para sua vida interior.

**d. Pastoral ou síntese vocacional (RFIS, nn. 74-79)**

Quando pensamos na unicidade do processo formativo, podemos dizer que os anos de formação correspondentes a esta etapa tem um dupla finalidade: a. favorecer a inserção na vida pastoral mediante uma gradual assunção de responsabilidades ajudando o seminarista e/ou diácono a viver sua transição entre o seminário e a vida paroquial/pastoral diocesana de maneira equilibrada, sem abandono de responsabilidades e de valores anteriormente consolidados por conta de um frenesi apostólico; b. aumentar os recursos humanos e formativos no acompanhamento específico visando o início do presbiterato.

*1.1.2. Na Formação Permanente (RFIS, nn. 80-87)*

Para se consolidar a unicidade neste tempo de formação na vida de um presbítero é oportuno que sejam superadas as idéias de esquemas pré-concebidos de formação. A nova RFIS se deteve em apresentar alguns temas e propostas que, segundo a necessidade local de cada presbitério e a faixa de idade dos sacerdotes, podem ser colocadas em prática com o objetivo de favorecer a continuidade formativa iluminando a vida quotidiana de cada sacerdote para retomarem sempre aquilo que é essencial a sua identidade sacerdotal, e que por isso, se torna marcante para o êxito da vida missionária da Igreja.

**1.2. Por uma formação INTEGRAL: (RFIS, capítulo V)**

Já na Exortação Apostólica *Pastores dabo vobis*, de uma maneira explicita e bem ordenada, a Igreja já havia apresentado uma visão integral e mais do que isso, havia sinalizado a necessidade de uma abordagem formativa integrativa, ou seja, ao mesmo tempo equilibrada nas quatro dimensões que a compõe e relacionadas entre si para desta forma, favorecer a formação daqueles que se configuram a Cristo pelas Sagradas Ordens. A nova RFIS seguiu e procurou desenvolver mais esta mesma intuição pós-sinodal com a finalidade de favorecer a relação entre estas dimensões

dentro do processo formativo e enfatizar, em certos aspectos, uma maior atenção a dimensão humana.

Os destaques e observações contidas na nova RFIS tentam ajudar a superar alguns problemas que acontecem no processo formativo, como por exemplo, a fragmentação da dinâmica formativa, a polarização da orientação formativa, a superficialidade temática ou a parcialidade desta (cf. RFIS, introdução).

Na nova RFIS torna-se evidente que durante a formação inicial, a passagem de uma etapa formativa para outra não deve ser norteadada, exclusivamente, por critérios como o cumprimento do tempo previsto para aquela etapa, ou a aquisição dos graus escolásticos, ou para o aumento da responsabilidade no serviço pastoral, mas por um critério mais amplo que integre múltiplos elementos, em outras palavras, por ter alcançado a maturidade humana e vocacional necessárias para continuar o seu compromisso de entrega total e definitiva na configuração com o Cristo Servo, Pastor e Senhor.

Desde a sua passagem pelo grupo vocacional, em cada nova etapa vivida pelo seminarista, a experiência formativa deve ajudá-lo a desenvolver sempre mais as ***quatro características antropológicas básicas e necessárias para o crescimento na maturidade humana***: 1. a capacidade de afirmar a sua própria identidade e individualidade, e de responder livremente por seus atos, assumindo responsabilmente a própria vida sem apoiar-se sobre uma outra pessoa; 2. a capacidade de tomar iniciativa diante daquilo que precisa ser feito e/ou decidido em sua vida e nos afazeres quotidianos, a partir dos valores conhecidos e assumidos precedentemente; 3. a capacidade de ser criativo e diante das situações imprevistas e da descontinuidade ocasional de uma programação ou relação interpessoal, saber encontrar um modo de responder positiva e construtivamente sem perder a centralidade sobre o que é essencial para sua vida; 4. a capacidade de amar ao próximo, ou seja, de se expressar afetivamente e de acolher a expressão afetiva do outro de modo equilibrado realizando um ato de comunhão sedimentado em valores mais elevados como a compaixão, a renúncia, a misericórdia, o dom de si etc.

### **1.3. Por uma formação COMUNITÁRIA: (RFIS, capítulo VI)**

O processo de formação dos vocacionados ao sacerdócio, desde sua origem tem um caráter eminentemente comunitário. Vemos isso no Evangelho quando Jesus realiza o chamado dos doze apóstolos (cf. Mc 3, 13). Daquele momento do chamado em diante eles passaram a seguir um mesmo itinerário juntos.

Vale aqui reparar o quanto a presença do outro foi decisiva na vida de alguns durante o processo de discernimento pessoal, que culminou com o chamado de Jesus e com o início de um novo itinerário juntos: João Batista pelos filhos de Zebedeu, André por Pedro, Felipe por Natanael etc. Destaco ainda que tantas outras pessoas nos momentos sucessivos se somaram aos ensinamentos de Jesus e a vida comum com os apóstolos oferecendo os seus testemunhos de fé, exemplos de vida marcantes, dando assistência financeira e material, demonstrando um forte zelo religioso e cuidado fraterno e deste modo, integraram e ajudaram a promover, como uma grande comunidade, o itinerário formativo dos 12 juntos ao seu Senhor.

Como sabemos, a vocação presbiteral é um dom de Deus para a sua Igreja e para o mundo, é a via de santificação para aqueles que a receberam e meio pelo qual Deus santificará e cuidará de seu Povo (cf. Mt 9, 35-38). Por isso, é do seio desta comunidade de fiéis e com a participação de seus membros que o Senhor realizará a preparação daqueles que chamou para si. No Seminário se criará então este contexto da ***comunidade educativa e formativa***, em favor do crescimento espiritual e doutrinal de cada um daqueles que foram chamados por Deus, que por um tempo caminhará ao lado deles e que será também um instrumento orientador para o paulatino retorno destes à intensidade da vida comunitária paroquial, porém, levando consigo os sinais deste progressivo compromisso com o Senhor Jesus, a cada dia mais profundo e intenso que culminará com a ordenação.

A nova RFIS sublinha que a ***eficácia do processo formativo*** acontecerá quando no exercício das funções como formadores no Seminário os padres e demais membros consolidarem uma verdadeira comunidade formativa, ou seja, compartilhando uma responsabilidade comum por todos e respeitando as competências de cada um e os encargos a serem realizados em favor de todos.

#### **1.4. Por uma formação MISSIONÁRIA:**

A formação inicial visa ajudar cada seminarista a conquistar um coração semelhante ao Coração de Jesus; capaz de realizar o “dom de si mesmo” por amor a Igreja, disposto ao serviço do Evangelho vivendo o celibato pelo Reino de Deus e pronto a caridade pastoral por cada um de seus irmãos em Cristo (cf. RFIS, n. 39).

Ser intimamente unido a Cristo torna-se uma condição essencial para realizar um pastoreio significativamente paterno; capaz de corrigir com firmeza, de conduzir com zelo, de cuidar da vida espiritual com dedicação, de escutar e acolher com interesse, de viver a misericórdia e de ter compaixão deixando-se conduzir pelo Espírito Santo.

Deste modo a Igreja em saída até os confins das periferias existências do mundo acontecerá naturalmente como Obra do Divino Espírito Santo que impele com o seu sopro os ministros de Cristo, que seguindo o exemplo da Virgem Maria, se deixam modelar e guiar pelo próprio Deus.

Cada igreja particular tem uma realidade pastoral própria, mas especialmente no Brasil, onde as densidades populacionais são extremamente elevadas, sobretudo nos centros urbanos, abraçar o compromisso com uma ação missionária que atinja até a última ovelha de um rebanho paroquial pode significar um árduo desafio para uma inteira vida.

## **2. A Comunidade Educativa e Formativa e o Sujeito da formação**

O objetivo deste segundo ponto é retomar brevemente estes dois argumentos para sinalizar a importância de ambos, sobretudo, para aqueles que no exercício de suas competências canônicas assumem a responsabilidade em promovê-los.

## 2.1. A comunidade educativa e formativa (cf. RFIS, nn. 50-52)

O Seminário como instituição existe na forma de uma comunidade educativa cristã. Não é sem razão que o termo usado em alguns documentos da Santa Sé para se referir àqueles que trabalham com a formação dos seminaristas seja preferencialmente “educador”. Isso nos ajuda a recordar que o Seminário não é só um lugar onde se adquire formação intelectual ou prática, mas a exemplo do próprio núcleo familiar, trata-se de um lugar onde se educa, ou seja, onde se aprendem novos valores existenciais, se purifica e ordena os instintos, se aprende e assume a disciplina, se modela o caráter, se desenvolve o equilíbrio humano, se constroem laços afetivos e onde se adquirem conhecimento e sabedoria.

Por isso, o Seminário como instituição estabelecida em favor de cada vocacionado potencializa a criação desta comunidade educativa e formativa que amparada na comunhão com todos os demais membros da comunidade cristã, que ao seu modo e pelos meios que lhes são próprios (professores, especialistas na área médico-educacional, funcionários, religiosas etc), oferecerá uma forma de vida comunitária necessária para o desenvolvimento e progressivo crescimento nos valores humanos, cristãos e sacerdotais, bem como de um estilo de vida tipicamente sacerdotal, ou seja, com a prática e o exercício daquelas virtudes necessárias à perseverança no ministério presbiteral.

*Uma sadia pedagogia formativa não pode negligenciar a atenção a prestar à experiência e às dinâmicas de grupo no qual o seminarista está inserido. A vida comunitária durante os anos da formação inicial deve marcar cada indivíduo, purificando-lhe as intenções e transformando-lhe a conduta com vista a uma progressiva conformação a Cristo. Quotidianamente, a formação vai-se cumprindo através das relações interpessoais, dos momentos de partilha e de confronto, que concorrem para o crescimento “daquele húmus humano”, onde concretamente amadurece uma vocação.* (RFIS, n. 50)

Esta comunidade educativa e formativa, que se consolida em torno a figura dos padres formadores, e que devem conduzir a grande comunidade do Seminário composta também por todos os demais educadores, membros assistentes e seminaristas passa a ser o lugar onde se desdobrará o discernimento da vocação de cada jovem e onde se aprenderá a crescer como homem.

É na vida comunitária, elemento preciso e iniludível na formação daqueles que serão chamados, no futuro, a exercer uma verdadeira paternidade espiritual (RFIS, n. 51) que será colocada a prova as motivações, o compromisso pessoal, a responsabilidade, a seriedade e a maturidade daqueles que ouviram a voz de Deus. Do mesmo modo, a estrutura comunitária poderá iluminar e favorecer o discernimento daqueles que, em nome da Igreja, deverão declarar um parecer sobre a idoneidade dos candidatos a Ordem Sacra. E por fim, também nesta mesma comunidade educativa e formativa, os padres formadores podem aprofundar e enriquecer o próprio caminho de formação permanente.

Desta realidade sai uma preocupação importante: uma comunidade educativa e formativa deve contar com um número suficiente de padres formadores para o acompanhamento quotidiano, razoavelmente proporcional ao número de seminaristas.

A experiência mostra que improvisações a longo prazo e “malabarismos de tempo e espaço” em meio a múltiplas funções paralelas ao trabalho como formador,

deixam uma lacuna exatamente sobre o elo relacional mais importante para o trabalho de desenvolvimento da maturidade humana dos seminaristas, ou seja, os laços de uma verdadeira paternidade e de uma forte fraternidade: «*por isto, no Seminário, os elos que se estabelecem entre formadores e seminaristas, e entre os próprios seminaristas, devem ser marcados pela paternidade e pela fraternidade*<sup>1</sup>. De fato, a fraternidade é construída através de um crescimento espiritual, que exige empenho constante para se superar as diversas formas de individualismo. Uma relação fraterna «*não pode ser somente algo deixado ao acaso, às conseqüências favoráveis*»<sup>2</sup>, mas antes uma escolha consciente e um desafio permanente». (RFIS, n. 52).

Será na estabilidade afetiva e de fé criada sob esses laços que a condição propícia e favorável para correções, ensinamentos, aumento da motivação vocacional, partilhas e para a oração pessoal vai proporcionar os melhores momentos para aquela formação gradual e integral que estabelecerá as bases para o “sim” definitivo na consagração a Deus pelo sacerdócio.

## 2.2. Sujeito da formação e o serviço dos formadores

O primeiro interessado e ao mesmo tempo a pessoa responsável pelo êxito da formação deve ser o próprio seminarista (cf. RFIS, n. 53). Como o sujeito da formação ele deve ter nas mãos o protagonismo deste processo: «*Cada seminarista, como já foi lembrado, é o protagonista da própria formação e é chamado a um caminho de constante crescimento no âmbito humano, espiritual, intelectual e pastoral, levando em consideração a própria história pessoal e familiar. Os seminaristas são outrossim responsáveis pela criação e manutenção de um clima formativo que seja coerente com os valores evangélicos*» (RFIS, n. 130).

Tendo em vista as **quatro características antropológicas básicas e necessárias para o crescimento na maturidade humana** citadas anteriormente, que devem estar claramente presentes ao início do processo formativo (etapa propedêutica), dois outros elementos importantes que devem ganhar forma e espaço nas atitudes pessoais dos seminaristas com o passar do tempo são a sua disponibilidade e docilidade para deixar-se acompanhar pelos formadores e para receber, positivamente, a ajuda e a orientação que seus formadores julgarem importante, mesmo que de maneira lenta e dolorosa por causa das naturais resistências intrapsíquicas a mudanças.

Caso aconteça um bloqueio seja psicológico ou seja comportamental nesta dinâmica entre autoconhecimento, escuta, acolhimento e mudança interior, todo o processo formativo nos seus passos sucessivos pode vir a ser prejudicado. Por isso, um diálogo aberto, franco, direto e transparente entre formadores e seminaristas deve distinguir a qualidade das relações humanas dentro do Seminário.

Reduzir a relação entre formadores e seminaristas a um acompanhamento para a aplicação de regras e o cumprimento de horários, ou dos afazeres de casa, pode

---

<sup>1</sup> Cf. *ibid.*, n. 60: AAS 84 (1992), 764-762; cf. FRANCISCO, *Discurso aos seminaristas, aos noviços e as noviças provenientes de várias partes do mundo por ocasião do Ano da Fé* (06 de julho 2013): *Ensinamentos I/2* (2013), 11.

<sup>2</sup> FRANCISCO, *Encontro com os sacerdotes diocesanos na Catedral, Cassano de Jonio* (21 de junho de 2014): *L'Osservatore Romano* 140 (22 de junho de 2014), 7.

preservar ambos dos riscos naturais de uma relação interpessoal profunda, ou seja, aborrecer-se, desiludir-se, errar nas próprias conclusões sobre o outro, ofender-se, magoar-se etc, entretanto, não se pode ignorar que ao mesmo tempo se perde uma preciosa ocasião para aprender a crescer nos valores humanos essenciais para a própria vocação, isto é, aprender a superar o silêncio, a reconhecer os próprios erros, a superar os prejulgamentos, a pedir perdão e a ser misericordioso, a ser mais compreensivo, a saber esperar o tempo do outro, a renunciar as próprias pretensões para não perder a amizade com seu irmão, a dizer a verdade, a ser humilde, a saber reconhecer os méritos do outro e a lutar pela comunhão em todas as situações, mesmo estando ferido por dentro.

Somente por meio de uma opção como esta é possível formar homens capazes de realizarem um bom discernimento, hábeis conhecedores do coração humano, capazes de desenvolverem uma profunda empatia com os seus iguais e de amar ao próximo sem se esconderem atrás de posturas demagógicas de autodefesa, afinal, Cristo não se doou só por “aquilo que poderia dar certo” ou por aqueles que demonstrassem ter o merecimento do seu sacrifício, mas se doou inteiramente e por todos.

Obviamente, conquistar este grau de liberdade interior não acontecerá sem um formação continuada, tantas vezes dura e sofrida, mas que seja tenaz, séria e forjada no “fogo dos eventos quotidianos”, continuamente nutrido pela “lenha” dos sacramentos, da direção espiritual, do diálogo fraterno, da Liturgia das Horas, da consagração à Virgem Imaculada. A prática destas virtudes sacerdotais deve ganhar força na vida dos jovens seminaristas passo a passo para que eles perseverem dentro da comunidade educativa e formativa do Seminário.

Apenas para concluir, recordo aquilo que diz a nova RFIS: *«o grupo dos formadores não constitui somente uma necessidade institucional, mas é, antes de mais, uma verdadeira comunidade educadora, que oferece um testemunho coerente e eloquente dos valores próprios do ministério sacerdotal. Edificados e encorajados por este testemunho, os seminaristas acolherão com docilidade e convicção as propostas formativas que lhes serão dirigidas»* (RFIS, n. 132).

O testemunho de uma comunidade sacerdotal pautada na parrésia e na fraternidade como verdadeira expressão de eclesialidade e comunhão de vida, onde o papel de cada um no serviço prestado à comunidade do Seminário e a singularidade de cada pessoa venha respeitado e acolhido, é coluna basilar para a edificação de um futuro presbitério composto por sacerdotes com rico patrimônio de valores humanos, cristãos e sacerdotais testemunhado e partilhado entre eles.

Todo o trabalho de auto-formação e de preparação dos padres formadores também será útil para a formação permanente dos mesmos e pode ser de grande ajuda, inclusive, para propor temas oportunos para a formação permanente do presbitério local.